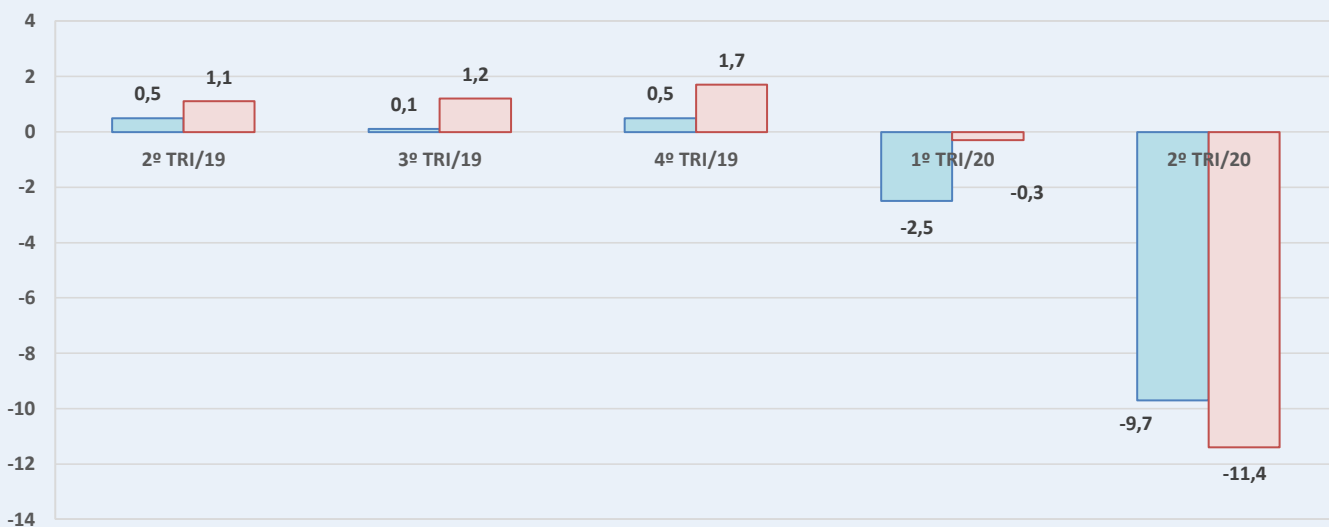


O PIB DO 2º TRIMESTRE DE 2020

GRÁFICO Nº 1 - VAR(%) DO PIB BRASILEIRO NO 2º TRIMESTRE DE 2020 - COM AJUSTE SAZONAL E EM RELAÇÃO A IGUAL PERÍODO DO ANO ANTERIOR - IBGE - ELABORAÇÃO NÚCLEO DE PESQUISA IEL/FIEA

■ Trimestre / trimestre anterior (ajuste sazonal) ■ Trimestre / mesmo trimestre do ano anterior



O resultado do PIB no segundo trimestre exportações, que levou o setor melhores até o final do ano em função da de 2020, com ajuste sazonal, veio um agropecuário a ser o único a apresentar continuidade do Auxílio Emergencial, do pouco acima da expectativa do mercado crescimento de 1,2% em relação a igual relaxamento da quarentena e da financeiro. A grande surpresa foi na período do ano anterior, contra retração melhoria do cenário internacional, revisão para cima do resultado do de -12,7% na indústria e -11,2% nos principalmente em relação a recuperação primeiro trimestre feita pelo IBGE, serviços, o grande responsável por da economia chinesa e da manutenção passando de retração de -1,5% para - atenuar o feito da Covid19 sobre a dos estímulos fiscais e monetários nos 2,5%. Isto demonstra que a economia já dinâmica do PIB foi o Auxílio EUA e na zona do Euro. O Itaú, que está vinha se desacelerando antes da Emergencial, que deverá até agosto com a previsão mais otimista do pandemia. Na comparação com igual colocar R\$ 250,0bi na economia mercado, estima retração de -3,9% no mês no ano anterior, Gráfico nº 1, a brasileira e até o final do ano mais R\$ terceiro trimestre e de -2,5% no último, queda foi expressiva, acima de dois 100,0bi. Como estes recursos estão fechando o ano com queda de -4,5%. Já o dígitos, deixando claro os efeitos dos sendo canalizados para a camada da Santander está mais cauteloso e projeta choques de oferta e demanda população que possui a maior propensão contração de -6,36% do PIB em 2020. Na provocados pela Covid19 sobre a a consumir, isto tem contribuído para pesquisa Focus a mediana está em -5,1%, produção de riqueza no Brasil. Do ponto uma recuperação mais rápida da mas a dispersão ainda é muito grande de vista da demanda por bens e serviços, indústria de alimentos e nas vendas no entre os otimistas e pessimistas: -2,7% e - o IBGE registrou quedas pronunciadas no varejo, inclusive, ampliado, a partir do 9,1%, respectivamente. O fato do PIB no consumo das famílias de -13,5% e dos mês de maio. Não há como negar que a segundo trimestre está 14% abaixo do investimentos de -15,2% que respondem recuperação na margem da indústria tem nível alcançado em igual período de por aproximadamente 65% e 15% do PIB sustentado o crescimento dos níveis de 2014, quando segundo a datação da FGV brasileiro, respectivamente. A retração confiança dos empresários. Segundo a tem início a recessão brasileira que vai no PIB só não foi maior porque os gastos CNI, o clima de otimismo está mais até o final de 2016, dá uma ideia do públicos caíram menos, cerca de -8,6%, e elevado e disseminado entre os desafio a ser enfrentado pela economia as exportações, principalmente do empresários da Indústria brasileira. O brasileira a partir de 2021, quando agronegócio, cresceu 0,5% enquanto as Índice de Confiança do Empresário cessará o orçamento de guerra. importações desabaram -14,9% em Industrial (ICEI) passou de 57,0 pontos função da queda do nível de atividade em agosto para 61,6 pontos em econômica. Além do crescimento das setembro. A expectativa é de resultados

COPOM INTERROMPE CICLO DE BAIXA DA SELIC

Na última reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central do Brasil, 16/09/2020, o ciclo de baixa da selic foi interrompido e a expectativa do mercado é que a taxa se manterá em 2,0%aa por período prolongado. Na visão dos analistas de mercado, no comunicado pós reunião, o BCB sinalizou (usando de forma mais sistemática o instrumento de ancoragem das expectativas inflacionárias denominado de *forward guidance*) que no período relevante da política monetária enquanto a inflação não convergir para meta a selic manter-se-á no patamar atual. A porta para novos ajustes para baixo na taxa básica ficou aberta uma vez que “eventuais ajustes futuros no atual grau de estímulo ocorreriam com gradualismo adicional e dependerão da percepção sobre a trajetória fiscal, assim como de novas informações que alterem a atual avaliação do Copom sobre a inflação prospectiva”. As pesquisas semanais do FOCUS/BCB, junto às instituições financeiras, continuam captando dispersão muito pronunciada entre as expectativas máximas e mínimas para as taxas de inflação (IPCA), em 2020, 2021 e 2022. De acordo com os dados do FOCUS de 16/09/2020, as expectativas variavam entre 2,8%aa a 1,2%aa; de 4,6%aa a 2,0%aa; e de 4,9%aa a 2,4%aa; respectivamente. Com a mediana ficando em 1,9%aa, 3,0%aa e 3,5%aa. É importante salientar, ainda, que no horizonte relevante da política monetária de 2021, a taxa de inflação esperada se encontra abaixo do

centro da meta. A partir de junho o IBGE começou a registrar um crescimento da taxa mensal de inflação dos produtos comercializáveis avuçados pelos preços dos alimentos, em função de três fatores básicos: diminuição dos estoques reguladores; efeito da desvalorização cambial incentivando as exportações das commodities brasileiras, principalmente para a China, e o aumento na demanda por alimentos proporcionado pelo Auxílio Emergencial às famílias carentes, que só no Nordeste injetou mais de R\$ 40,0 bi até julho. Os comercializáveis respondem por 31% do IPCA. Por sua vez, os não comercializáveis e monitorados que pesam 69% tem apresentado um comportamento diferente. No primeiro caso vem registrando deflação desde junho e no segundo, após uma aceleração em junho e julho, em função dos reajustes dos combustíveis, voltou a desacelerar em agosto. A cautela do BCB ao interromper o ciclo de baixa, a nosso ver, tem mais a ver com a agenda fiscal do que com o risco de inflação no curto e médio prazo. Como foi visto acima, a mediana das expectativas aponta que só em 2022 o IPCA atingirá o centro da meta de 3,5%aa, o que reforça a ideia que o mercado vê no comportamento dos preços nos últimos meses a ocorrência de choques temporários e que não se disseminaria pelo nível geral de preços da economia. Outro aspecto importante, aumentos de preços provocados por choques de oferta, a não ser que tenham efeitos de segunda ordem pronunciados, não são combatidos com aumento

de juros. Do ponto de vista fiscal, a preocupação da Autoridade Monetária está associada aos efeitos do aumento significativo do déficit público e da relação da dívida/PIB, em função dos gastos com a pandemia, sobre o risco país e a taxa de câmbio. Ademais, a taxa selic no patamar atual tem favorecido a saída de investidores estrangeiros. A grande questão está na manutenção ou não do Teto dos Gastos. No atual desenho, que limita o aumento dos gastos a inflação do período anterior, todo o ganho real de receita oriundo da reforma tributária, ou do aumento da arrecadação com a retomada da economia, é destinado ao resgate de títulos públicos o que não abre espaço fiscal para os investimentos públicos em infraestrutura e às políticas de renda mínima. Regras de controle de gastos públicos são importantes e devem ser adotadas, mas precisam poupar os investimentos públicos e a preservação da renda da população carente. A pandemia mostrou a importância das transferências para famílias e Unidades da Federação não só ao diminuir a queda esperada para o PIB como no próprio aumento da arrecadação, em função do aumento na margem da produção industrial e do volume de vendas no setor varejista. Talvez este seja o momento para uma discussão mais detalhada quanto ao redesenho das regras de controle de crescimento dos gastos públicos, quando se discute a reforma tributária e a necessidade de sua distribuição progressiva.

A PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA EM JULHO DE 2020

O desempenho da indústria brasileira em julho de 2020 manteve, com a continuidade do relaxamento das políticas de isolamento social, a recuperação com 8,0% de expansão, no levantamento com ajuste sazonal. Na comparação com o mesmo mês em 2019, todavia, a indústria registrou retração de -3% na produção, menor vis à vis a junho quando caiu -9,0%. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), “este desempenho veio acompanhado de grande amplitude de variações positivas entre os diferentes ramos industriais. Dos 26 acompanhados pelo IBGE, 22 ramos acusaram aumento de produção na série com ajuste sazonal. Além disso, houve aumento da utilização da capacidade instalada, redução de estoques e melhora na confiança do setor. Contudo, mais um mês de crescimento semelhante ao que temos visto e será coberto o vale produzido no bimestre mar-abr/20. O que ainda não se sabe é qual será o padrão de crescimento a partir deste ponto. E isso é importante, porque a atual crise se sobrepôs à de 2014-2016”. Ainda segundo o IEDI, “depois de o nível de utilização da capacidade instalada da indústria de

Variações da Produção Industrial - Julho 2020 - %				
	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria geral	8,0	-3,0	-9,6	-5,7
Bens de capital	15,0	-15,4	-20,3	-12,9
Bens intermediários	8,4	1,4	-5,3	-3,6
Bens de consumo	9,3	-7,7	-14,8	-7,6
Bens de consumo duráveis	42,0	-16,9	-33,8	-18,5
Semiduráveis e não duráveis	4,7	-5,2	-9,4	-4,6
Extrativa Mineral	6,7	0,9	-2,2	-4,3
Transformação	8,6	-3,6	-10,6	-5,9

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Elaboração Própria

transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, ter despencado com a paralisação de muitas unidades produtivas, para 57,3% em abril de 2020, o desenho de protocolos de segurança sanitária nas empresas, o recurso a programas emergenciais do governo e, mais recentemente, a progressiva flexibilização do isolamento social vêm possibilitando a retomada de alguma atividade, elevando a utilização da capacidade instalada para 60,3% em maio, 66,6% em junho e 72,3% em julho. A despeito desta melhora, que teve continuidade em ritmo mais modesto no mês de agosto (75,3%), o nível de

utilização permanece abaixo da média histórica anterior à Covid-19, que é de 79,5%. Esta mesma trajetória de retomada parcial da utilização da capacidade é verificada nos dados da CNI. Após atingir o vale de 66,6% em abr/20, progrediu a partir de maio chegando a 75,4% em julho, já descontados os efeitos sazonais. Ainda assim, tal como ocorre na série da FGV, continuou muito abaixo da média histórica do indicador (80,7%) antes do impacto da crise de Covid-19”.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA

PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

1º VICE PRESIDENTE

José da Silva Nogueira Filho

DIRETOR EXECUTIVO

Walter Luiz Jucá Sá

GERENTE UNITEC

Helvio Braga Vilas Boas

INSTITUTO EUVALDO LODI – IEL

DIRETOR REGIONAL

José Carlos Lyra de Andrade

SUPERINTENDENTE

Helvio Braga Vilas Boas

COORDENADORA DE INOVAÇÃO E PESQUISA

Eliana Maria de Oliveira Sá

ELABORAÇÃO

Núcleo de Inovação e Pesquisa IEL/AL

EQUIPETÉCNICA

CONSULTORES

Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

ESTAGIÁRIOS

Laura Vitória Chagas Lins

Henrique Quintela França de Almeida

Marcus Vinicius de Oliveira Costa Barbosa

CONTATO: (82) 2121-3079